ANO 9.º — Sexta-feira, 19 de Maio de 1916 — NUMERO 422

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Cruz Vermelha

Nas grandes crises sociais surgem sempre com esplendor o altruismo, a filantropia e a caridade, como que para redimirem o homem das mil faltas e vilanias da vida quotidiana e atestarem a nobreza do seu caracter. E' que no mais recondito do coração humano há bondade, que as profundas agitações expurgam e fazem emergir.

Um dos mais sublimes rasgos de filantropia de que a Historia nos fala está consubstanciada na instituição da Cruz Vermelha. A sua origem é devida á reconhecida generosidade da raça latina e a sua existencia vem de longe, ainda que a fusão dos principios humanitarios a tenham desenvolvido em todos os países. No seu principal objecto, que é o socorro aos feridos, a Cruz Vermelha já existia em França no seculo XV, conhecida pelo nome de *Maison de la Maladrerie*. Nas guerras napoleónicas tornaram se célebres os serviços prestados pelo *Carrefour de la Croix Rouge*, na cura da lepra que atacava horrivelmente os soldados franceses, e a que davam o nome de *mal napolitano*. Na grande revolução francesa substituiu-se aquela designação pela de *Carrefour du Bonnet Rouge*. Mas o povo, a quem é dificil arrancar o sentimento e o amor da tradição, terminada a luta sangrenta de 93, adotou o nome antigo de *Croix Rouge*.

E' volvido mais de um seculo, e esta instituição, agora de caracter internacional, tem na presente conjuntura historica ensejo de prestar mais uma vez á humanidade os seus valiosos serviços.

Falar dos fins desta sociedade é tirar do escrinio do coração humano tudo quanto aí existe de mais generoso, alevantado, nobre e digno.

Quem se alista na Cruz Vermelha não póde ter egoismo, porque uma solidariedade invencivel o deve ligar aos que sofrem. Nesta sociedade não há rancores nem interesses reservados. A sua politica é o altruismo, a sua religião é o Amor.

A Cruz Vermelha, não obstante a sublime generosidade dos seus fins, não se tem desenvolvido nem fecundado no nosso meio social; mas é mister que todos a auxiliemos pelos esforços e pela propaganda.

Eis aqui, um campo aberto á benéfica acção das mulheres. Socorrei, mulheres portuguêsas, por intermedio desta instituição e conforme as vossas forças, as familias pobres dos soldados que partiram para combater em defeza de nós todos. E, se o vosso estado vo-lo permitir, fazei-vos enfermeiras e correi pressurosas a tratar e socorrer os feridos, porque um soldado restabelecido é um novo filho que se entrega á Patria. Lembremo-nos que a mais sublime missão da mulher é ser mãe, e que a sua mais alta virtude é a abnegação!...

Dizia o grande padre Antonio Vieira: *As feridas são a gala e a gloria dos soldados: quanto mais feridos, mais retalhados e espedaçados, tanto mais valentes, mais honrados, mais famosos.*

Pois nos louros do soldado teremos partilha, se quizermos ser os anjos da sua guarda e compartes dos seus riscos.

Não me proponho ser o Eremita desta cruzada. Neste momento em que alguns corações sangram já de saudade, a minha voz humilde extinguir-se-ia no tempestuoso choque dos sentimentos e emoções. Tão pouco quero fazer despertar consciencias para o dever.

Nesta conjuntura de sacrificios não há coração feminino que não vibre de entusiasmo.

Quero apenas indicar o processo mais prático de acção. Grande é o valimento da mulher no campo da batalha. Para longe essa má qualidade que a raça portugueza possue e que Sousa Viterbo pretende ser herdada dos arabes —*a falta de confiança em nós proprios*. Sim, devemo-nos convencer que podemos ser uteis e que temos a cumprir uma missão delicada.

O civismo não se traduz só pelo valor militar: tem outras fórmas de manifestação.

O *alistamento* na Cruz Vermelha impõe-se como a prática duma virtude cívica.

Procurai encorajar-vos na repugnancia que nos causa o exercito inimigo tão guloso de sangue... daquele sangue que já vos correu nas veias—oh! mães portuguêsas!

Alistai-vos, pois!

Tomai o emblema da Cruz Vermelha, beijai-o com fervor e subi o Gólgota!

Que o vosso altruismo se erga acima de todos os obstáculos!

Que a veneração e entusiasmo das mulheres portuguesas pela instituição da Cruz Vermelha seja fecundo e não feneça breve como as rosas de Malherbe!

Aurora de Castro e Gouveia

Films . . .

Exibições

Sempre embirrámos com elas. De aí a relutancia de acompanharmos os que em tudo procuram ensejo de se salientar, querendo-se fazer mais do que os outros e arrogando-se o direito de exigencias descabidas, estupidas muitas vezes, para que possam ser toleradas quanto mais tidas em consideração.

Ora sabendo nós quais sejam os deveres que temos a cumprir para com a Patria e a Republica, escusam de se cançar porque as exibições grotescas deixâmo-las aos outros.

Esta, a nossa norma de todos os tempos.

Por Fafe

A politica! Já a supomos mais porca do que a porca em que, numa bela caricatura, a fez encarnar Bordalo Pinheiro no tempo da *ominosa*.

O *Desforço* é um antigo jornal republicano que se publíca em Fafe e o seu director, Artur Pinto Basto, um homem que á causa tem prestado desinteressados serviços com uma abnegação digna de respeito porque póde ser emitada, mas nunca excedida. Pois querem saber o que lhe acontece? Por o *Desforço* se não vergar a dizer *amen* a tudo quanto de indigno a politica cobre, toca a pôr em duvida as convicções de quem o dirige, a calunia-lo, sem respeito nenhum pela verdade, unica maneira dos zoilos se vingarem dos que não deixam impunemente desmoralisar o regimen.

Almas de lôdo, creia o nosso estimado colégа Pinto Basto, em toda a parte as ha e portanto o que seria para admirar é que Fafe se tornasse uma excepção.

Paciencia, amor...

O parlamento aprovou esta semana uma proposta que converte em definitivas as nomeações dos funcionarios das câmaras municipaes, juntas geraes e administrações de concelho que ha seis mezes estejam prestando serviço com reconhecida aptidão. pelo que se foram por agua abaixo os bons desejos de tambem se encafuar na secretaría da junta distrital ao nosso insubstituivel comissario, cujo estomago mais parece um poço sem fundo do que o logar destinado a recolher o alimento que sustenta a vida, dá força ao homem e tonifica o corpo.

Pois não sería demasiado tanto comer?...

A PESCA NA RIA

Como ela era consentida em 1868. O Regulamento de 1867

A lialdade e independência com que aqui falâmos, importuna, pelos modos, muito boa gente agora votada de bófes e coração à santíssima cruzada da defêsa de processos de pesca inadmissíveis em qualquer país onde o problema de prover convenientemente à subsistência do público merece as atenções dos governantes, e entre nós há muito condenados, como teem visto todos os que nos lêem sem paixões de qualquer natureza.

Pois tenham os importunados paciência. Fazer história não é falar ao gôsto de cada um, é falar a verdade clara e pura, e nem outra coisa procurâmos fazer.

Vamos agora ao Regulamento de 14 de maio de 1867 de que prometemos fazer transcrições. Não diremos, o que seria rematada tolice, que fôsse, seja ou é um regulamento sem coração, um regulamento draconiano; nos regulamentos não há coração, há artigos; e Drácon, com toda a sua fereza, legislou para Atenas e não para a ria de Aveiro, onde, por falta duma **fiscalização enérgica e constante,** apesar do **corpo de polícia criado em 1880 por Manuel Firmino de Almeida Maia,** tudo vinha correndo e pretendem que continue a correr à mercê da ignorância favorecida por interesses de natureza vária.

Eis o que dizia o Regulamento:

Art. 2.º—**Nenhuma rêde póde ser empregada na pesca sem ser examinada, aprovada e selada gratuitamente, pelo respectivo administrador do concelho.**

Está-se mesmo a vêr que esta exigência era... para não permitir que o pescador se servisse de rêdes de malha larga, por onde pudessem escapar tubarões.

Art. 3.º—**A liberdade de pescar na ria e águas dôces não póde estorvar a navegação,** nem o direito particular proveniente de concessão legal, ou posse de pescar em certo lugar.

Não póde haver dúvida de que esta disposição tinha por fim permitir... a armação de *botirões*, com todo o seu pinheiral de estacas, nos canais navegáveis.

Art. 6.º—Nenhuma rêde poderá ser colocada a menos de 50 metros de distância da outra.

Art. 7.º—**Ninguem poderá estender suas rêdes, nem pôr estacas, de modo que ocupem mais de metade da corrente das águas da ria,** ou rios; e aínda, colocando-as de modo que ocupem sómente essa metade, **fica salvo o direito do público a proìbi-las, quando ocasionem alteração na corrente das águas, ou estorvem a navegação.**

Vejam os leitores: até o público tinha o direito de proìbir a armação de rêdes que, embora armadas nos têrmos regulamentares, ocasionassem alteração na corrente das águas ou fôssem estôrvo à navegação!

Ora quanto mais honesto não é trazer a lume êstes e outros factos, do que estar a manter uma campanha de palavriado vesgo contra um Regulamento que aínda não foi lido por alguem que o combate?!... Seria inacreditável, se não fôsse verdadeiro; mas é-o, para honra do *botirão* e glória da *chincha*, que devem ser livres na devastação da ria como o condôr nas eminências dos Andes.

Art. 10.º—**E' proìbido colher peixe, cujo crescimento natural exceda a 16 centímetros de dimensão do ôlho à raiz da cauda, sem que tenha pelo menos a medida de 16 centímetros. As enguias deverão ter pelo menos 27 centímetros.**

Os peixes colhidos sem estas dimensões serão restituídos com vida à água.

Como vêem, êste regulamento não proìbia nada. Tudo permitia. Era a encarnação suprema da liberdade que o sr. Jaime Afreixo veiu estrangular...

E até sexta que vem.

INTERESSE PUBLICO

O conselho superior de higiene distribuiu para consulta o processo do terreno requerido pela Junta de Paroquia da freguezia da Oliveirinha para alargamento do respectivo cemiterio.

Impossivel — O *Bébes* deixar o seu predilecto amigo—o carrascão.

AO SR. MINISTRO DA GUERRA

Como se sabe está aberta uma inscrição para a admissão extraordinaria de 400 individuos na Escola de Guerra, no proximo mez de Junho. No respectivo decreto veem indicadas as habilitações exigidas para as quais, conforme o seu gráu, são designadas tambem as armas correspondentes.

Para iludir, porêm, as disposições da lei, um grande numero de candidatos está procedendo duma fórma indigna e prejudicialissima para quantos com a melhor boa fé a ela correspondem, apresentando todos os documentos comprovativos das suas habilitações e justificativos dos seus direitos, todavia ameaçados pela deslealdade dos que, com a maior falta de patriotismo e dignidade, pretendem eximir-se á obrigação.

Não é segredo para ninguem que em Coimbra, e talvez noutros pontos do país, por parte dum grande numero de candidatos á referida inscrição, se pretende apresentar documentos *minimos*, requerendo a admissão com falta daqueles que possam destina-los a armas que lhes não convem.

O *Mundo* aludiu já ao caso no seu numero da ultima terça-feira, mas entendemos do nosso dever chamar tambem para ele a atenção do sr. ministro da guerra, visto que se trata dum assunto sem duvida nenhuma dos mais gràves e que exige energica intervenção de fórma a anular os efeitos perniciosos e prejudicialissimos dos que assim verão postergados os seus mais sagrados direitos.

Este processo, improprio e indigno, encobre, como facilmente se compreende, a intenção de quantos, adotando-o, procuram fazer acreditar que as suas habilitações só permitem que sejam inscritos na lista dos destinados á administração militar, que é a preferida, com gravissimo perigo para aqueles que em boa verdade só as possuem para esse fim, mas que ficam na contingencia de serem excluidos em vista do grande numero dos que falsamente se apresentam só com os documentos que lhe garantam a admissão nessa classe.

A' hora que escrevemos devem estar já entregues muitos requerimentos documentados nestas condições, que infelizmente traduzem uma tristissima realidade.

Em tais circunstancias cabe o indeclinavel dever, ao sr. ministro da guerra, ou a quem de direito, de inutilisar processos semelhantes, que, inquestionavelmente, todo o espirito justo e são repudia e condena.

Em casos de tal magnitude e em horas de tanta gravidade nada se póde admitir que não sintetise a aplicação da mais impecavel justiça e ainda o mais sagrado respeito à lei e aos direitos de todos quantos fundadamente consideram e julgam que não estamos num pais de doidos.

O que aqui fica apontado exige o mais implacavel e pronto remedio,

PESCA DO MAR

Nalgumas costas do litoral, como Costa Nova, S. Jacinto e Torreira, começou a faina da pesca por meio das *chávegas*, tendo já aparecido no mercado petinga e espadim em relativa abundancia.

Intoleravel

A Companhia de Moçambique protegendo as maiores ilegalidades

AO GOVÊRNO

Com verdadeiro pasmo lêmos no n.º de 8 de Abril do jornal *Patria*, que semanalmente se publica na Beira, Africa Oriental, e agora chegou á metropole:

«No atual momento critico que atravessa a Patria Portuguêsa, é revoltante que a Companhia de Moçambique não ponha cobro, finalmente, á serie continuada de ilegalidades com que de ha muito vem desafiando e fustigando o espirito democratico da época, num desprezo completo e estranho pelo que é legal e justo.

Sabe-se, que em virtude duma lei, tanto os funcionarios civis como os militares, que são requisitados para o serviço da Companhia de Moçambique, auferem as regalias que teem como se estivéssem ao serviço do Govêrno. Até aqui não ha nada de ilegal, mas o que se não compreende é que a Companhia de Moçambique abuse destas regalias em detrimento do verdadeiro espirito da lei, requisitando funcionarios para o seu serviço e deixando-os em seguida seguirem para o serviço de companhias particulares, como é a da Zambezia.

Por esta fórma, engana a C. M. o govêrno, pois sendo os militares cedidos para o seu serviço, eles o vão prestar a particulares, com a agravante de continuarem a ter as mesmas regalias como se estivéssem ao serviço do Govêrno, regalias estas, taes como: tempo para a promoção, contagem de tempo para a reforma, etc! E na lista dos empregados da C. M., figuram como prestando serviço á mesma Companhia, quando na realidade estão a soldo de particulares, como caixeiros de comercio!

Póde-se admitir semelhante afronta á lei?

Nestas condições se acham dois que estão exercendo a sua actividade comercial na Companhia da Zambezia. Ao passo que estes militares, acobertados e aconchegados escandalosamente pela malfadada Companhia de Moçambique, estão gozando todas as regalias que lhes concede o Govêrno, que assim foi torpemente enganado, os seus camaradas estão sofrendo um arduo e arriscado serviço em pró da Nação! Que escandalo revoltante é este, senhores do Govêrno Português?

Mas, ainda ha mais; pasmem ó gentes!

Nas mesmissimas condições desses dois a que nos vimos referindo, está um oficial do exercito ultramarino, o sr. Ezequiel Betencourt, que ha anos passeia em Lisboa, como se estivesse ao serviço activo da Companhia de Moçambique em Africa! Este oficial, conhecidissimo pelas suas ideias nada afectas ao regimen, é altamente protegido pelo sr. Freire de Andrade, cunhado do sr. João Pery de Lind, e este sogro do dito sr. Betencourt e assim se explica esta proteção escandalosa, este atropelo da lei, esta vergonha e esta miséria social.

Estamos certos que o cidadão Governador Geral logo que saiba e tome conhecimento, destas verdadeiras faltas da C. M., lhes porá cobro, mandando riscar das requisições feitas pela C. M., o nome desses oficiaes.

Esta degringolade é que não póde ser, nem deve continuar para hombridade e moralidade do regimen, aliás sempre desdenhado por esta Companhia de Moçambique.

Justiça esperamos alcançar e a moralisação de costumes, pois já é tempo... Demais, o cidadão Governador Geral tem aqui neste territorio o representante do Govêrno que o póde informar oficialmente destes factos.

Oficiaes empregados do comercio? Oficiaes do Ultramar em serviço na *Revista Colonial*, em Lisboa? Com direito a promoções e reformas?

Irribus, que o escandalo toca as raias da paciencia democratica!»

Nem mais, coléga. Já é tempo de se pôr côbro a tanta bandalheira como a que se está consentindo neste regimen de moralidade e justiça. Ou isso se faz quanto antes ou então deixemo-nos de ilusões —não ha remedio possivel para o mal que o país suporta desde remotos tempos.

GRAVATAS
CASA DA COSTEIRA

O "DEMOCRATA" NO TRIBUNAL

Lá vâmos outra vez no dia 22 arrastados por um padre, muito da intimidade dos *silverios*, que achou azado o momento de pedir o nosso castigo por referirmos em termos jocosos o ultimo atentado dos *sicarios de Arada* contra a sua preciosa existencia, atentado de que lhe não resultou damno algum, levando-nos a classificá-lo de *ridicula farça* pelas circunstâncias em que se deu, pois não concebemos que sendo o Pato torpedeado por *sicarios* o Pato saisse ileso e a propriedade não sofresse as consequencias do torpedeamento a ponto de impedir á justiça a punição dos *malvados* que *teem trazido a freguezia em constante sobresalto* com as repetidas tentativas contra a vida do sr. vigario, cuja alegria, sempre latente, o torna radiante em dia de bomba, tão familiarisado já anda com a terrivel arma dos anarquistas.

Como se sabe, tomou a responsabilidade dos artigos, então publicados neste jornal, o sr. Joaquim Dias Baptista, que será defendido pelo mesmo talentoso causidico que no mez findo se estreou na comarca de Aveiro, intervindo noutro processo do *Democrata*, dr. Amancio de Alpoim, o qual se encarregará de demonstrar com a elevação propria dos seus vastos recursos intelectuais, que lhe marcam no fôro um logar de brilhante destaque, quanta vileza encerra a traiçoeira arremetida do padre Pato, processando-nos.

Até segunda-feira.

Raridade—A existencia de vergonha na cara dos *silverios*.

Caixa Económica de Aveiro

Recebemos o relatório da sua gerencia correspondente ao ano de 1915, por onde claramente se verifica quão prospera se acha esta utilissima instituição local, criada ha umas poucas de dezenas de anos pelo que tambem foi governador civil, Nicolau Anastácio de Betencourt.

Com isso nos congratulâmos.

SOLIDARIEDADE

O nosso velho e estimavel colega de Fafe, *O Desforço*, publicou no seu ultimo numero a seguinte local:

O Democrata — Este denodado campeão da Republica, acaba de ser julgado e condenado. Condenado pelo *horrivel* crime de liberdade de imprensa, talvez por dizer só duas verdades, quando afinal poderia ter dito mil...

Mas ha condenações que honram mais que as absolvições.

Abençoadas as palavras que provocam um processo de imprensa; é porque elas produziram efeito salutar.

Ao ilustre colega os protestos da nossa solidariedade.

Intimamente reconhecidos.

PERFUMARIAS COLGAT'S
CASA DA COSTEIRA

Escola infantil

Desde domingo que se encontra pronta a funcionar, prestando já o seu valioso serviço, a Escola Infantil que, no réz do chão do edificio onde está estabelecida a do sexo feminino da Vera-Cruz, se acha devidamente preparada.

Duas vastas salas e lá dentro mezas grandes, de pouca altura, cercadas de cadeiras pequeninas e varios outros ornamentos, assim como muitos brinquedos, são destinados aos pequenos alunos, havendo ainda quartos com camas destinadas ao repouso dos petizes que o somno vença.

Um outro quarto é o destinado aos lavatorios, que, tambem colocados á devida altura, esperarão poder servir os que deles se tenham de utilisar.

Todas estas salas abrem portas e janelas para um espaçoso recinto ajardinado e arborisado—o recreio das crianças—que, alegres e descuidadas, o procuram, de preferencia, como tivémos ocasião de observar, para a exibição das suas danças de roda e outros brinquedos proprios da sua edade.

As duas gentis professoras, sr.as D. Laura Osorio e D. Adelia Cerqueira, com o restante pessoal da casa, solicitas e agradaveis, atendendo os visitantes e a vigilancia exigida pelas creanças, mostram-nos amavelmente o edificio, explicando o processo adotado em escolas daquele genero na aplicação do ensino, sem que o aluno pela sua tenra edade se cance ou enfastie. Educação aplicada entre brincadeiras sem exigencias violentas ou massadoras para a creancinha, no espirito de quem se pretende afinal insinuar o desejo de aprender sem esforço de memoria ou repugnancia pelo estudo, ao contrario do que noutros tempos sucedia, metendo na cabeça do desditoso aluno, á força de pancada e de brutalidades, o que hoje se obtem e consegue por processos diametralmente opostos.

Na propria Gafanha, a abertura dum edificio deste genero, com tão util e proveitosa aplicação, teria dos seus iniciadores os de quem quer que para tal concorresse, a devida consagração, no dia da inauguração; far-se-iam convites a quem por qualquer titulo a isso tivésse direito; qualquer diria duas palavras de homenagem a quem a merecesse pelos seus esforços, compareceriam os representantes do povo na sua expressão mais completa—a câmara—e os do govêrno na pessoa da respectiva autoridade, etc., etc.

Com a abertura da Escola Infantil nesta cidade, porém, nada disso se deu. Tal facto não mereceu a ninguem a mais insignificante particula de importancia nem até mesmo de curiosidade!

Mais uma escola—que diabo! —tem isso alguma cousa de extraordinario, de valor e de merecimento? Isso é lá para fóra, para esses países de *barbaros* e de *selvagens*—para uma França, para uma Inglaterra, para uma Suissa! Para nós—estão proibidas, ha muito, as estupadas!...

E assim, ninguem em Aveiro deu pelo simpatico acontecimento. Nem lá apareceu o sr. inspector escolar ou quem as suas vezes fizésse; não apareceu um representante da câmara, não foi distribuido localmente um convite nem individual nem colectivo e o sr. dr. João de Barros, director geral da instrução publica, que fóra, ao que parece, o unico solicitado a vir assistir á abertura da escola, declinou o encargo na pessoa do sr. governador civil, que—não ha que estranhar — fazendo ouvidos de mercador, mais uma vez mostrou o grande interesse e cuidado que lhe merecem as cousas do distrito, continuando a primar pela sua ausencia.

Parece que o sr. Melo Freitas estava encarregado de ir dizer á escola que os serviços clinicos do sr. dr. Eugenio Ribeiro não permitiam a comparencia de s. ex.a, mas um inesperado transtorno, proveniente do almoço de Agueda, impediu tambem esta interessante e já conhecida frase que todo o publico sempre recebe com a maior satisfação.

E foi assim, nestas tristes e condenáveis circunstâncias, que a Escola Infantil iniciou os seus apreciaveis e magnificos trabalhos.

Com franquêsa: isto está abaixo de toda a critica.

Farmaceuticos militares

Pelo comando do regimento de infantaria de reserva n.º 24 e para cumprimento do Decreto n.º 2367 de 4 do corrente mez, são avisadas todas as praças pertencentes ao dito regimento, habilitadas com o curso completo de farmacia, de que deverão apresentar imediatamente na séde do regimento (Aveiro) publica fórma da sua carta do curso, acompanhada de certificado do registo criminal.

A demora da entrega dos referidos documentos determina rigoroso procedimento disciplinar.

Amarrados

O espectaculo, que já agora se tornará lendario e que acordou em toda a gente de espirito bem formado profunda repugnancia, mantem-se ainda na mais latente impressão, continuando a servir de pasto aos que o acaso reune em qualquer parte.

De facto, um filho que na esperança de apanhar duzentos escudos provoca a ocasião de que todos os erros, defeitos e grâves pecados de seus paes, sejam acordados, referidos e comentados da maneira mais amargamente vergonhosa que se póde imaginar, assistindo, impassivel, com a parte da *companhia*, ao decorrer de todo um deprimente sudario, capaz de afrontar os proprios negros, é sem duvida espantoso e formidavelmente extraordinario.

Afeitos já a exibições de toda a especie por parte da reles cambada, com representante em Lisboa e advogado em Vizeu, aquele ultimo, porêm, foi das mais extraordinarias a que o publico assistiu, assombrado com tanto desplante, com tão manifesto e inegualavel cinismo como doutro não ha memoria nos anaes da desvergonha humana!

Mas o miseravel finge contentar-se publicando nomes duma lista que o mais rudimentar principio de dignidade mandava arrancar das mãos dos engraxadores sem valor nem cotação que por aí andaram no reles peditorio!

Incomensuravel pulha, aquele filho, que na esperança de apanhar duzentos escudos, provocou e assistiu ao comentario de todos os erros, defeitos e grâves pecados de seus paes, com o aplauso de Lisboa e a defêsa do *Adelaide* de Vizeu.

Arre!

PELA IMPRENSA

"A Vida Nova,,

Pertence ao numero dos jornais de provincia que se destacam por uma inquebrantavel linha de recta conduta, dificil de manter-se nos meios pequenos, a não ser á custa de inumeros sacrificios, e é dentre esses um dos mais variados e melhor redigidos que conhecemos. E' que se acha á frente dele um jornalista sabedor e experimentado, o excelente amigo e camarada Pimenta Barbosa, que tivemos a honra de conhecer ha anos, a quando da excursão dos *Galitos* á linda cidade minhota, de tão saudosas recordações, e a esse facto se deve, sem duvida, a popularidade da *Vida Nova*, cujo aniversário marca mais uma brilhante *étape* na longa existencia do considerado colega.

A Pimenta Barbosa um abraço de felicitações pela obra inteligente que tem realisado no jornalismo de Viana do Castelo com os votos que fazemos pelas prosperidades continuas do periodico que o tem por director competentissimo e de reconhecidas aptidões para o *métier*.

=Tambem completou o seu 5.º ano o semanário independente *Jornal de Albergaria* da direcção do sr. Alberico Ribeiro.

Cumprimentâmo-lo por esse facto.

=Reapareceu em Sever do Vouga *O Clamor*, que se destina á defêsa dos empregados dos correios e telegrafos.

"Atlantida,,

Chegou-nos o n.º 7 da revista mensal que os conhecidos literatos João do Rio e João de Barros lançaram no mundo das letras. Traz variada colaboração de distintos prosadores e poetas, artisticas gravuras e no intuito de alargar e de realizar melhor o seu programa de aproximação intelectual e literária entre o Brazil e Portugal, anuncia para os fins deste mez o aparecimento das suas edições iniciadas com o livro *Alba Plena*, poema inédito do festejado poeta Augusto Gil, ou seja a história de Maria—Mãe de Jesus—atravez de maravilhosos poemas, em que o lirismo genial do autor do *Luar de Janeiro* atinge uma perfeição inexcedivel, pela purêsa da canção, pela simplicidade da fórma e pela belêsa limpidissima que em todo o volume resplandece e palpita.

A *Atlantida* cumpre assim a missão que se impoz e á qual dâmos todo o nosso aplauso recomendando-a como merece.

Remedio francês
Em todas as pharmacias ou no deposito geral J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa. Franco de porte comprando 2 frascos.

JUNTA GERAL

Reuniu em sessão plenária, no ultimo sabado, a Junta Geral do distrito de Aveiro, sob a presidencia do sr. dr. Antonio da Silva Carrelhas, a qual, depois de tomar conhecimento do expediente, resolveu:

aprovar, na generalidade e especialidade, o relatório da comissão executiva, excepto na parte que tratava do aumento do ordenado ao tesoureiro e sobre o que já se havia pronunciado, negando-lhe o seu voto, o vogal da mesma comissão, Arnaldo Ribeiro;

aprovar a conta geral da Junta relativa ao ano civil de 1915, e

aprovar o primeiro orçamento suplementar ordinario para o corrente ano civil.

Tendo sido apresentada pelo vogal Antonio Maria de Matos uma moção para que a Junta interecedesse junto do governo de modo a ser suspenso temporariamente o Regulamento da Ria, contra a maneira como estava redigida se pronunciaram os procuradores Arnaldo Ribeiro e dr. Marques da Costa, que fez largas considerações todas tendentes a demonstrar as vantagens que esse regulamento trouxe aos que da pesca vivem, ficando resolvido no entanto que se oficiasse ao sr. capitão do porto pedindo-lhe que quanto á colheita das algas, ele seja suavisado o mais possivel.

Procedendo-se á eleição a que obriga o artigo 13.º do novo Codigo Administrativo, foi reconduzida a antiga mesa, terminando os trabalhos, que haviam principiado ás 13 horas, perto das 17.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Questões agricolas

—=(*)=—

Sob o titulo—*Um erro gravissimo*—publicou o *Democrata*, em 25 de fevereiro do ano corrente, um artigo no qual buscavamos convencer os lavradores portuguêses do enorme disparate que, plantando largas áreas de terreno a vinha, e muitas vezes em prejuizo das culturas cerealiferas, andavam praticando.

Entre os argumentos apontados a combater o desvario, diziamos nós então que era *sabido que o consumo mundial do vinho cada vez era menor, que dia a dia iamos sendo batidos pela Italia e pela Espanha, no nosso maior mercado externo—o Brazil—e que a cultura da videira de ano para ano ganhava incremento nos paises americanos.*

De nada valeu, queremos crê-lo, o nosso grito de alarme. O lavrador, com a cegueira propria da ignorancia em que vegeta e alucinado por um aumento de procura e a consequente alta de preços puramente transitorios, proseguiu, afanosamente na tarefa imbecil de plantar bacelos ás centenas de milhares e muitas vezes — loucura suprema!—em boas terras cerealiferas.

Todavia os factos, na sua cruel realidade, vão-se encarregando de provar a razão que nos assistia. Assim, em 23 do mez passado, publicava o *Seculo* uma entrevista com o sr. Tomaz Pinto, bem conhecedor das condições do mercado brazileiro, da qual destacamos o seguinte retalho:

A nossa exportação de vinhos está em vesperas de sofrer os efeitos de um terrivel competidor: quero referir-me á Argentina, que, tendo aproveitado a sua vasta e riquissima provincia de Mendonza para a cultura vinicola, já hoje tem um excesso de produção, excesso com grande tendencia para aumentar, o que certamente forçará aquele país a cuidar de abrir novos mercados para o seu produto. E como, por sua vez, o Brazil tem vantagens em introduzir o seu café na Argentina, provavel é que se torne em realidade o plano da efetivação de um tratado comercial entre os dois países, no qual o Brazil oferecerá certas imunidades ou vantagens alfandegarias para o vinho argentino em troca de iguais regalias naquele país para o seu café.

Por aqui se vê a triste sorte que aguarda os desvairados plantadores de vinhas, quando, extintas as causas que originaram a excepcional procura de fins do ano transacto e do que está correndo e cada vez mais reduzido o mercado brazileiro, se virem com as adegas atestadas de sumo de uva e sem aparecer quem lh'o compre.

O peor é que não serão eles as unicas vitimas da sua ignorancia; pela perturbação profunda que de aí resultará para a já tão perturbada economia nacional, se-lo-hemos todos nós.

* *

Já que estâmos tratando de vinhos e de vinhas, vamos ainda referir-nos a um outro assunto, o qual, posto que bastante divulgado pela imprensa jornalistica, póde ser que ainda não seja do conhecimento de todos os nossos leitores.

Como é sabido, uma das mais terriveis molestias que atacam as videiras é o *mildiu*, vulgarmente conhecido por *molestia negra*. Atacando o cacho, prejudica a colheita do ano do ataque e, destruindo as folhas e os sarmentos mais tenros, enfraquece a planta e diminue as colheitas dos anos imediatos.

Combatia-se este mal pela aplicação, entre outros tratamentos menos usados, das caldas bordelezas, que, por certo, todas as pessoas com algumas noções destas questões agricolas devem saber em que consistem e como se preparam e aplicam.

O ano passado, dada a carestia do sulfato de cobre, que já então foi cotado no mercado nacional a $26 e $28 o kilo, foi preconisada a substituição das caldas bordelezas por outras, denominadas semi-acidas, em que o sulfato entrava em muito menor proporção.

Estas caldas semi-acidas preparam-se dissolvendo, em 100 litros de agua, 250 gramas de sulfato de cobre e 35 gramas de cal virgem, ou 70 gramas de massa de cal.

Pelo menos são estas as proporções que o distinto cultor das sciencias agronomicas sr. Joaquim Bedeford indica como mais eficazes.

Teem, como se está vendo, a vantagem de exigirem oito vezes menos sulfato do que as usuais caldas bordelezas neutras, o que, num tempo em que esta droga é cotada a mais de cruzado o kilo, é circunstancia muito atendivel.

Mas, ao contrario das caldas bordelezas, que, uma vez secas, aderem intimamente á epiderme da videira, as caldas semi-acidas não são fixas e basta qualquer chuvada um tanto abundante para as arrastar.

Daqui deriva a necessidade de nova sulfatação depois de cada periodo de tempo chuvoso, o que contrabalança um tanto os beneficios resultantes do emprego do sulfato de cobre em dóses muito menores que com as caldas bordelezas.

Todavia, sabemos que alguns viticultores as empregaram, e com bons resultados, no ano ultimo e que outros lhes seguiram, ou estão dispostos a seguir, este ano, o exemplo.

VINHOS DO PORTO

Experimentem os da casa

Rodrigues Pinho

—DE—

VILA NOVA DE GAIA

(Porto)

Pois são dos melhores que ha

O fino **Moscatel velho** ou o vinho superior

Regenerante

Um quadro de miseria

—=(*)=—

Outra carta recebemos do nosso amigo e acreditado negociante Manuel Moreira, que diz:

Caro Arnalda

Subordinado ao titulo *Um quadro de miseria*, escrevi no ultimo numero do seu *Democrata* uma carta na qual relatava, a largos traços, a miseria em que se encontrava uma mulhersinha que vive na rua dos Tavares, chamada Feliciana, num abandono absoluto, sem que qualquer autoridade pusesse termo a tamanha infelicidade.

Escrevi eu, como poderia, aliás, escrever alguem que examinasse de perto o estendal de amarguras em que a pobre velha se estorcia.

Nessa carta chamava a atenção das respectivas autoridades e pedia a intervenção do digno Provedor da Santa Casa.

Não foi em vão que evoquei o nome desta entidade.

O ex.mo sr. dr. Lourenço Peixinho imediatamente me procurou dando-me a honra duma explicação, por amor á Justiça e para garantia do regulamento do Hospital de Aveiro, sob cuja doutrina s. ex.ª se tem baseado para levar a efeito a tarefa de que se vem desempenhando.

E a proposito conta-me: «O caso da Feliciana já é do meu dominio; e tanto assim que ev a tive no Hospital. No entanto deixe-me dizer-lhe: era uma doente insuportavel, insultando tudo e todos, dizendo as maiores inconveniencias e asneiras em frente doutros doentes, na sua maior parte raparigas novas, que não deviam, por fórma alguma, sujeitar-se a uma perturbação daquela natureza que, não só melindrava a dignidade delas, como atrazava a marcha do seu restabelecimento pelo constante barulho e desassocego que a Feliciana causava. Ora (e mostrou-me nesta altura o regulamento do hospital), dizendo o n.º 4 do artigo 8.º: *que não pódem ser internados no hospital os individuos afectados de alienação mental, histerismo ou outra qualquer doença que possa causar perigo, medo ou desasocego aos outros doentes*, ele, como provedor, de fórma alguma podia consentir que a Feliciana lá estivesse. No entanto, lá continuou até se restabelecer. Restabelecida saíu. Hoje sei que ela está cada vez mais provocadora, mais insultuante, o que me leva a crêr, por lhe conhecer essa tendencia, que a mulher sofre de alienação mental.

Por tudo isto não estava na alçada do Hospital o poder valer-lhe.

Todavia, acrescentou: é tambem homem de caridade e comprometia-se a dar-lhe de comer, senão do hospital, pelo menos do seu bolso e que o fazia com muito prazer, pois não lhe é indiferente nunca a sorte aflitiva de quem quer que seja.»

Muito bem.

O sr. dr. Lourenço Peixinho deixou-me completamente satisfeito com as suas explicações, que muito agradeço, e o gesto de Sua Ex.ª não é senão o seguimento de toda a sua vida na qual há passagens de inteira humanidade.

E foi realmente por conhecer o seu temperamento que na minha ultima carta apelei para a sua intervenção que eu tinha a plena certeza que devia ser posta em prática salvo casos incompativeis com os seus desejos.

Entretanto o espectaculo tem de desaparecer. Aquela mulher se está doida ha logar proprio para os doidos. O que não deve de fórma alguma é consentir-se por mais tempo *aquilo* conforme está.

Eu não me dirijo a ninguem e dirijo-me a toda a gente que no desmanchar daquele quadro possa ter interferencia. Está doente e é correcta? Que entre no hospital. E' incorreta e dá indicios de alienação mental? Manicomio. A quém pertence intervir? Aí fica a pergunta e de resto, cáro Arnaldo, não devia ser muito dificil pôr um ponto final na miséria da velha Feliciana, se houvésse um bocadinho de boa vontade.

Aveiro, 16—5—916.

M. Moreira

Tambem somos dessa opinião, mas o peor é que as autoridades ou são ou fazem-se surdas. Se não fôra assim o caso da velha Feliciana não levaría tanto tempo a resolver, tanto mais que em seu beneficio póde e deve ser aplicada qualquer quantia que haja sobrado da venda da casa, pertença sua, para pagamento das contribuições.

O que se está observando é que por principio algum deve ser tolerado e portanto urge da parte das autoridades locais que alguem apareça e se condôa da infeliz.

Basta de demora!

Socôrro, socôrro á desgraçada!

Notas mundanas

Têve o seu bom sucésso, dando á luz um menino, a esposa do sr. Americo Teixeira.

Aos pais do recem-nascido e avô, o activo industrial, sr. Antonio Maria Ferreira, os nossos parabens.

Estivéram nesta cidade os srs. Cipriano Alegre, director da Bairrada Livre, Aristides de Seabra e Alberto Sobral, de Anadia; Francisco Valério Mostardinha, Martins Alberto, Guilherme Francisco Luizo, Manuel Silvestre, de Nariz e Manuel Simões da Rosa, de Mamodeiro.

Segue hoje para Lisboa e de ali para o Pará o nosso amigo sr. João Gonçalves a quem apetecemos feliz viagem e todas as felicidades de que é digno.

Portugal na guerra

—=(*)=—

O segundo manifesto da Junta Patriotica do Norte ao povo português

Cidadôos!

Os povos civilisados aplaudiram a atitude portugueza em face da guerra europeia, quando tiveram conhecimento de que na sessão historica do nosso parlamento, a 7 de agosto de 1914, se aprovára por unanimidade a declaração do governo de que Portugal se não mantinha neutro no conflito, e que em todas as circunstâncias cumpriria fielmente com os deveres impostos pelo seu tratado de aliança com a Inglaterra. A espontaneidade da nossa resolução foi tanto mais apreciada quanto é certo que todos sabiam ser ela tomada num momento bem critico da nossa vida interna, a quatro anos apenas da revolução que substituia a secular monarquia pela República, mal consolidado ainda o novo regimen politico e a braços com as formidaveis dificuldades que se tinham acumulado sobre nós.

Tal atitude e em tais circunstâncias nobilitou-nos á face do mundo, que nos julgou dignos de continuarmos as nossas velhas tradições de indomavel coragem, abnegação e lealdade como campiões que fômos dos mais audazes e humanos da civilisação.

Então, e por muito tempo, desapareceram, como por encanto, as nossas dosavenças internas e a nação inteira, sem uma nota discordante, quer nas suas manifestações publicas, quer na imprensa, estava sempre com entusiasmo ao lado dos aliados, cuja causa perfilhou como se fôsse sua.

O sentimento e a razão nacional despertados durante este periodo não tinham tido ainda a diminui-los indignas campanhas que já desvairaram bastante, desviando-os do primeiro impulso, e por isso démos bem então a medida do caracter da nossa raça nobre e grande e disposta sempre aos belos rasgos de generosidade e humanismo que sabe esquecer as dôres proprias para ir em socorro dos que sofrem!

Porque não foi sómente o calculo dos interesses nacionais em perigo ou apenas o dever que nos impunha o tratado de aliança com a Inglaterra, que determinaram a atitude portugueza.

A grande maioria do nosso povo não atingiu os reais perigos que para nós representavam as ambições alemãs, bem como ignorava os compromissos que nos ligavam á Inglaterra e tornavam os nossos interesses identicos aos seus.

Como muito bem disse o nosso representante em Londres, Teixeira Gomes, no banquete que lhe ofereceu o governo inglez, não seria necessaria a existencia do tratado de aliança entre os dois paizes para que Portugal se colocasse neste momento ao lado da Inglaterra, tão justa era a sua causa.

O que Portugal sentiu desde o inicio das hostilidades na guerra, foi que de um lado combatiam povos pela Liberdade e pela Justiça e do outro estavam aqueles que ha muitos anos se armavam para o assalto que imporia o direito da força ao mundo.

Colocámo-nos ao lado dos primeiros contra os segundos que começavam a sua obra de desolação e de morte, esmagando, com a brutal força dos seus exercitos, pequenos e fracos, cujos unicos delitos eram: um, manter a sua autonomia; o outro, opôr-se á invasão do seu sólo pelos criminosos que faziam dele o caminho mais curto e propicio para surpreenderem e assassinarem cobardemente o seu visinho e amigo de sempre.

A indignação portugueza contra os imperios centrais levantou-a principalmente o monstruoso atentado contra a Bélgica, vitima da fé punica desse povo germanico que rasgou como *um farrapo de papel* o trátado de Londres assinado por ele em 1839, juntamente com a Inglaterra, Austria, Russia e França e no qual se estabelecia a neutralidade perpétua e a inviolabilidade desse pequeno mas glorioso povo, digno do respeito de todo o mundo.

A lealdade britanica á fé dos tratados que a levou a declarar guerra á Alemanha em defeza do direito dos pequenos povos, recordou em nós velhas tradições de luta em que ela, ao nosso lado, em circunstâncias similhantes ás que afligem a Belgica, tambem nos auxiliou contra as invasões do imperialismo napoleonico.

Jámais a Inglaterra foi tão grande e nobre como na conjuntura presente, embora os defensores do criminoso germanismo alcunhem o seu gesto de exclusiva manifestação de egoismo.

Belo egoismo o desse povo cujos interesses proprios estão de acordo com a justiça, a civilisação e o direito internacional, e que atráem incondicionalmente para o seu lado, a defende-los, os quatro centos milhões de habitantes que povoam os seus dominios coloniais, em vez de se aproveitarem do momento para se revoltarem contra a chamada *ambição absorvente, tiranica e egoista ingleza*... Portugal, velho aliado da Inglaterra, nunca teve, como agora, ensejo de cumprir com mais boa vontade os seus deveres de aliado. Colocando-nos ao seu lado, prontos a acompanhá-la para a vitória ou para a derrota, não cumprimos apenas uma obrigação, satisfazemos o nosso sentimento de Justiça em defeza do Direito dos povos, compensâmos antigos serviços recebidos e defendemos sagrados interesses nacionais em perigo.

Procedendo deste modo, afirmâmos perante o mundo uma maioridade de nacionalidade moderna, que embora não possua o brilho exterior da grandeza material, tem contudo um valor bem mais elevado: a plena posse da força moral e do espirito juridico dos povos dignos de se considerarem verdadeiramente civilisados.

Portugal não póde nem deve esquecer o que foi a politica da Alemanha e a politica da Inglaterra, ainda ha bem poucos anos, quando a Alemanha preparou um assalto contra nós.

Em 1912, a Alemanha deslocou de Constantinopla para Londres, com assombro de todos os circulos da politica internacional, o seu embaixador barão de Marschal de Bieberstein, que passa por ser o melhor diplomata da chancelaria imperial e que estando na capital da Turquia desde 1897, conquistára ali uma situação dominante, assegurando ao seu paiz uma influencia dia a dia mais pronunciada, á custa do prestigio de outras grandes potencias.

Nesse lance, a Alemanha obedecia, mais uma vez, ás proprias cenveniencias, mas obedecia tambem ao proposito de vilipendiar e esmagar Portugal.

Vejâmos como:

A Alemanha planeava então uma aproximação anglo-germanica para um acordo relativo á limitação dos armamentos navaes sobre a base de compensações territoriaes em Africa.

Todos devem estar lembrados do modo como a Inglaterra respondeu a essa pretensão cheia de assombroso impudor. O conselho de ministros rejeitou formalmente similhante proposta e Churchill pronunciou á Câmara dos Comuns um discurso politico que causou sensação em todo o mundo.

A Inglaterra pôz a questão da limitação dos armamentos sob um aspecto puramente financeiro e nem outro poderia ser admissivel, porque, se o erario britanico tinha a lucrar, não menos lucrava o germanico. Não havia, pois, lugar a quaesquer compensações territoriaes.

Como respondeu a Alemanha a essa atitude sensata e justa da Inglaterra?

Respondeu levando imediatamente ao seu parlamento, ao seu Reichstag, um projecto de aumento da frota imperial.

Foram sempre de tal jaêz os processos teutonicos!

Se não fôsse a atitude energica e decisiva da Inglaterra, não teria duvidado então a Alemanha puxar do taboleiro do xadrez para jogar os destinos das colonias portuguêsas, ou mais atrevidamente convidar as nações a deitar sortes sobre o destino dessas colonias, como se fossem pertença de uma nação morta.

São factos de ontem, mas são factos que é preciso recordar hoje no momento em que a Alemanha pretende mascarar os seus ruins propositos sob a fórmula de uma declaração de guerra a Portugal. Estes e outros factos denunciam que a Alemanha se deixa cegar pelo cesarismo.

Porventura essa mesma ambição cesarista de engrandecimento, que afronta a Liberdade e o Direito, que rouba e assassina, não nos tem obrigado á quasi permanente defensiva durante seculos que nos aniquilou as melhores energias criadoras?

Quem são os responsaveis do progresso ter quasi perdido em nós um dos seus melhores impulsionadores no inicio dos tempos modernos? Todos aqueles que só á custa de formidaveis lições infligidas ao seu orgulho guerreiro que abusava da força, pouco a pouco foram compreendendo como é efemera a grandeza ali cercada em crimes. Nós fômos, talvez, a maior vitima desse brutal egoismo antigo que os imperios centrais querem impôr no momento em que o mundo culto sentia já necessidade imperiosa de o subjugar. A guerra europeia veio a tempo para mostrar aos grandes povos que eles proprios bem pouco garantidos terão os seus legitimos interesses e o futuro se ao termo da guerra e esmagado o imperialismo austro-alemão, o direito dos povos não ficar sustentado por um organismo colectivo internacional que imponha a todos as suas disposições.

Quem lêr os relatorios dos homens tidos por mais cultos na Alemanha, como os professores Dietrich e Kayserling, que mezes antes da guerra fizéram sentir em publico a *cultura social e a prosperidade nacional da Alemanha*, reconhecerá que essa cultura social é, moralmente, infima valia e notará que um só pensamento, uma só aspiração, dominou os espiritos—a aspiração do mundo, o cesarismo. Abertamente se declára que a Alemanha só uma coisa pretende—a primeira posição economica do mundo.

Concidadãos:

Assumimos responsabilidades perante o mundo com a nossa atitude que a esquecê-las, quando os acontecimentos já nos obrigam a nossa intervenção na guerra, sería a nossa desonra com a perda ao direito de viver livres, porque

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro" ou "sobrinho do Milheiro"

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

nos tornávamos sómente dignos da tutela imposta a menores.

Desnecessario se torna lembrar os deveres a cumprir para com a Patria, se todos se conservarem no mesmo espirito dos primeiros tempos da guerra.

E' certo que alguns se esqueceram do que deviam á dignidade e aos interesses nacionaes, e, deixando-se arrastar pelo desvairamenfo dos seus odios de sectários politicos ou religiosos, pelos mesquinhos interesses ou pela inconsciencia da situação, se lançaram na campanha dissolvente das nossas energias.

Depois que a Alemanha nos declarou a guerra, absurdo sería acreditar em que ainda haja portuguêses capazes de tão feia acção.

O momento não é para hesitações, tibiezas e criminosas retaliações. Deante de nós está um amplo caminho que nos conduzirá á conquista das nossas aspirações, se nos unirmos e corajosamente afrontarmos os obstaculos que lhe védam o ingresso.

O futuro será nosso!

Impossivel — O *Flautas* olhar direito p'ra gente.

Orquestra filarmonica de Aveiro

Efectuou na terça-feira o segundo saráu a Orquestra-filarmonica de Aveiro habilmente regida pelo chefe da banda do 24, sr. Antonio Alves.

Completada com novos elementos, não exageramos se dissérmos que agradou a todos os ouvintes, como o demonstraram os aplausos recebidos no final de cada trecho, prova de que ao publico satisfez a execução dando por bem empregado o tempo que passou no teatro.

Quem será?

(Continúa o misterio)

«Conhecemo-lo, no liceu de Aveiro, quando a esta cidade nos levavam deveres oficiais.

Como estudante, grangeou a consideração dos seus professores e a simpatia dos condiscipulos.

Mais tarde, apareceu-nos como estudante militar, na ocasião em que se pleiteou, no concelho de Vagos, uma das eleições mais renhidas que ali se tem debatido.

Acompanhava então uma força militar que veio manter a ordem naquela assembleia eleitoral.

Enquanto se conservou no exercito, ainda em novo, a sua conduta mereceu o elogio dos seus superiores.

Passando á burocracia foi colocado em Ilhavo num logar de grande responsabilidade, sendo transferido, a seu pedido, para Vagos, aonde, no desempenho do mesmo cargo, tem revelado sempre um verdadeiro aprumo no cumprimento dos seus deveres, devendo considerar-se, sem lisonja, um funcionario modelar.

Sabedor e inteligente, possue uma circunspecção que lhe vem duma já longa prática da vida oficiel, tanto mais que tem desempenhado diferentes comissões de serviço, como ainda ha pouco aconteceu em alguns concelhos deste distrito, não se poupando a todos os sacrificios para o bom resultado da missão, se bem que honrosa, mas dificil no momento actual, de que foi encarregado pelo ilustre governador civil.

Dotado de um temperamento especial, tem dias de larga expansão de espirito, mas, em compensação, tem outros de um recolhimento assombroso.

Para bem se conhecer, torna-se indispensavel merecer primeiro a estima dele para nos inteirarmos da hombridade do seu caracter e da pureza da sua alma.

Em familia, marido extremoso e pai amantissimo; como amigo, é daqueles que, aparecendo em momentos precários, sabe alentar com gestos nobres e afecto sincero.

*

Conhecemo-lo de perto, em Vagos, no mez de novembre de ha cinco anos, tendo começado desde então a apreciar os dotes do seu espirito e as manifestações de uma lealdade e dedicação que raras vezes temos encontrado.

E' natural que este *relance* o vá contrariar, o que nos penalisa; mas, bem amigo, se eu sou dos muitos que fazem inteira justiça ás suas qualidades não lhe deverei merecer, nem de leve, um instante de máu humor.

Assim o creio.»

Não resta duvida que se trata da misteriosa creatura a que já aludimos no ultimo numero, e a qual continuamos procurando descobrir, apesar de todas as dificuldades com que até agora temos esbarrado.

As referencias que acima reproduzimos, veem publicadas no *Concelho de Vagos*, jornal de anuncios que se publica na vila do mesmo nome. Para ali iremos até que se conheça qualquer indicio.

Pois então chegou a saber-se que quem matou o cão fôra o Baeta, e não ha de descobrir-se quem seja esta misteriosa alma, a mais autentica perfectibilidade humana!

POSTAIS
INGLEZES
Casa da Costeira

Necrología

Vitimado por antigos padecimentos que lhe vinham torturando a existencia, finou-se no fim da semana passada o sr. Joaquim dos Santos Lé, antigo capitão da marinha mercante, funções que desempenhou até delas ser coagido a afastar-se em virtude da doença.

Era pai dos srs. Manuel e Alvaro Lé, a quem acompanhâmos no seu justo sentimento.

Comunicados

Ao povo

Manuel de Matos Ala e Herculano da Silva, da firma comercial *Matos Ala & C.ª*, de Bustos: Chegando ao nosso conhecimento que algumas pessoas mal intencionadas, com o fim manifesto de nos comprometer, teem propalado *boatos* de que sômos defensores ou partidarios da Alemanha, vimos protestar energicamente contra semelhante *infamia* e afirmar publicamente que SOMOS PATRIOTAS, que sempre estivemos e estâmos ao lado dos aliados na defeza da nossa Patria.

Sômos portugueses, e como tais, só queremos o engrandecimento e a independencia de Portugal.

Tem de acabar a *infame denuncia e a vil intriga* que *traiçoeiramente* tem *germinado* nas almas pequenas com a sêde da vingança e do odio! Já é tempo.

Pela nossa parte, fique bem sciente, procederemos energicamente seja contra quem fôr que tente incomodar-nos com *novos boatos*.

Agora, união sagrada para todos os portugueses na defeza da Patria, e que todos tenham um só pensamento.

Viva a Patria!
Viva o exercito portugués!
Abaixo os traidores!

Bustos, 12 de Maio de 1916.

Manuel de Matos Ala
Herculano da Silva

Raridade — Os gatunos não se entenderem á maravilha.

CORRESPONDENCIAS

Anadia, 15

Convocada pelo nosso amigo sr. Armando Andrade, houve há dias uma grande reunião na sala das sessões da nossa Câmara Municipal, para ser escolhida uma Comissão Municipal Patriotica, a qual reuniu ontem na secretaria da mesma Câmara, resolvendo promover desde já a aquisição de donativos para as familias pobres do concelho que tiverem soldados que vão para a guerra. Para isto, a grande Comissão Municipal dividiu-se em grupos que percorrerão as freguezias do concelho, fazendo-se nas diferentes freguezias acompanhar pelos respectivos professores e outros elementos.

Tambem foi resolvido promover a formação de uma comissão de senhoras para angariar donativos para a Cruz Vermelha.

A subscripção efectuada por entre os varios membros da Comissão Municipal, que assistiram á ultima sessão, produziu os melhores resultados.

= Muitos republicanos do concelho embandeiraram ontem as suas casas, comemorando assim o glorioso dia 14 de Maio.

= A Junta de Paróquia de Vila Nova, deste concelho, vai pôr em arrematação toda a alvenaría das casas escolares daquela freguezia, cobertura dos edificios e vigamentos.

C.

Cacia, 17

O assunto predominante de todas as conversas continua a ser a nossa participação no conflito europeu, tendo já seguido desta freguezia a encorporarem-se nos vários regimentos a que pertencem, muitos dos licenciados compreendidos nas ultimas convocações, alguns dos quais nos vieram dar o abraço de despedida.

Que a sorte os não desampare e dentro em breve os possâmos receber aureolados com os loiros da vitória, é o que sinceramente nos apraz fazer-lhes sentir, tal o convencimento em que estâmos de que em qualquer campo hão de saber honrar a Patria, dignificando-se.

= Por morte de seu tio sr. Manuel Nunes Freire, acha-se de luto a sr.ª D. Benilde Freire Quaresma, a quem apresentâmos o nosso cartão de pêsames.

= Apareceram os editais marcando para o dia 23 do corrente a arrematação de hervagens nas margens do rio novo do Principe e por isso lembrâmos á direcção dos serviços hidraulicos que nessa ocasião faça sciente os arrematantes do vandalismo, que é cometido com a escavação do terreno fóra da época propria. evitando assim um prejuizo para o Estado, que este ano já não deve ser pequeno.

Tudo á matroca é que não deve continuar, a menos que queiram transformar as margens do rio, outr'ora tão bonitas, em verdadeiros monturos.

=Parte dentro em bréve para S. Paulo (E. U. do Brazil) o nosso bom amigo sr. Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, que gosa nesta freguezia de muitas simpatías e consideração.

Que seja muito feliz é o que lhe desejâmos de toda a nossa alma.

C.

Relogios a 1$500 e 3$000
CASA DA COSTEIRA

Agua da fonte de Sula
(BUSSACO)
Em garrafões de 5 litros. $15

Agua da Curía
Em garrafões de 5 litros. $35
DEPOSITARIO
Bernardo Torres
AVEIRO

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

AGUA
Caldas Santas
DE
Carvalhelhos -- Traz-os-Montes

Infalivel nas molestias de pele: **ulceras, eczemas, pseriasis, etc.**, que não admite confrontos.

Curas maravilhosas.

Efeitos assombrosos nas manifestações artriticas: **rins, bexiga, intestinos, figado e estomago.**

Grande dissolvente do acido urico. Magnifica agua de mesa.

Vende-se em caixas, garrafas de litro e quarto, garrafões e ao copo.

Depositario unico no distrito
Casa da Costeira
Souto Ratola—AVEIRO

SELOS PARA COLECÇÃO A PESO

Grande variedade de selos para coleção, de Portugal, colonias e estrangeiros, a peso.

Kilo	500
1/2 kilo	300
5 kilos	2$000

Albuns, folhas, charneiras, catalogos de 1916, selos em folhas etc., etc., tudo á venda na

CASA FILATELICA
de
Baptista Moreira
Rua Direita — **Aveiro**

MANUEL Joaquim Ribau, com prática de ensino e com o curso secundário, lecciona para o exame de admissão ás Escolas Normais.
R. dos Tavares, n.º 1.

Dentista Milheiro
(DE ESPINHO)

Vem dar consultas a Aveiro ás terças e sextas-feiras, das oito horas ao meio dia, no consultorio do dentista Teofilo Reis, á Rua Direita.

Casa

VENDE-SE uma, de dois andares, siiuada á esquina da rua do Sol, quem vai da Praça do Peixe.

Trata-se com Antonio Rodrigues Jeronimo, na *Garage* do Largo Bento de Magalhães, nésta cidade.

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES
DE
José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude dascondições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

RUA DA ALFANDEGA
AVEIRO

VENDAS A DINHEIRO

Grandes armazens
=DE=
adubos quimicos

Solfato de cobre—Enxofre—Prensas para lagares—Esmagadores de uvas

ADUBOS COMPOSTOS

Arames zincados—Cimentos: TEJO e MONDEGO

Peçam preços antes de comprar a

Virgilio Souto Ratola
MAMODEIRO

VENDAS A DINHEIRO

Hotel e Restaurant Campestre
Oliveira do Bairro

E' o unico que satisfaz com rigor as exigencias da sua clientela

COSINHA DE PRIMEIRA ORDEM
COMODIDADES EXPLENDIDAS

Especialidade em leitão assado

Adéga Social
Rua da Revolução

Os proprietarios dêste estabelecimento participam aos seus Ex.mos freguezes e ao público em geral, que teem á venda os seus vinhos, ao preço de 100 reis o litro (branco) e 80 reis (tinto).

Abafado a 200 reis o litro.

Aguardente bagaceira a 300 reis o litro.

Tambem ha serviço de *restaurant*, estando encarregado da cosinha pessoa habilitadissima.

Os proprietarios,
FERREIRA & IRMÃO